

Parte 1 - Subordinação na oração

5 - As orações causais

Carolina Cau Spósito Ribeiro de Abreu
Erotilde Goreti Pezatti
Norma Barbosa Novaes-Marques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ABREU, CCSR., PEZATTI, EG., and NOVAES-MARQUES, NB. As orações causais. In: PEZATTI, EG., orgs. *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 121-151. ISBN 978-85-6833-480-5. Available from: doi: [10.7476/9788568334805](https://doi.org/10.7476/9788568334805). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/zpbsx/epub/pezatti-9788568334805.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5

AS ORAÇÕES CAUSAIS

*Carolina Cau Spósito Ribeiro de Abreu **

*Erotilde Goreti Pezatti**

*Norma Barbosa Novaes-Marques**

Palavras iniciais

A relação de causalidade tem sido objeto de estudo de vários investigadores, que propõem distinções entre subtipos de causalidade, nem sempre com consenso. Alguns distinguem, estritamente do ponto de vista sintático, a relação causal da relação explicativa, enquanto outros se detêm em aspectos semânticos e mencionam subtipos de causa, como razão, motivo, justificativa ou explicação. Todos esses subtipos serão aqui abrigados sob o rótulo genérico de “relações causais”, no entanto serão identificados por meio de nomes específicos.

Autores como Kury (1985) e Cunha e Cintra (2001) consideram duas relações causais: a oração coordenada explicativa adverbial causal e a oração adverbial causal. De modo geral, a coordenada explicativa é definida como a oração que “exprime o motivo de se

* Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (carolinacausposito@gmail.com; nb.novaes@uol.com.br; pezatti@ibilce.unesp.br; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Proc. 301210/2009-8)

ter feito a declaração anterior” (Kury, 1985, p.69) e a subordinada causal, como a que exprime uma circunstância causal, equivalente a um adjunto adverbial (ibidem, p.87).

Kury (1985) propõe cinco critérios para distinguir a oração adverbial causal da coordenada explicativa: 1) a subordinada vale por um adjunto adverbial, o que não ocorre com a coordenada, que é sintaticamente independente; 2) a oração explicativa, por ser independente, admite pausa forte, que pode ser indicada, na escrita, por dois pontos ou ponto e vírgula; 3) o conectivo, nas explicativas, pode ser omitido sem qualquer prejuízo da clareza; 4) na maioria das vezes, a oração que antecede uma explicativa tem o verbo no imperativo; 5) em sua maioria, as orações causais iniciadas com “que”, “pois”, “porque” podem ser substituídas por equivalentes com os conectivos “como”, “uma vez que” e análogos, o que não é possível com as explicativas.

Para explicar a relação causal, muitos estudiosos se apoiam basicamente no tipo de conjunção utilizada. Cunha e Cintra (2001), por exemplo, consideram que a oração é subordinada adverbial causal se apresenta conjunção ou locução conjuntiva causal que as encabece, ou que é coordenada sindética explicativa se a conjunção utilizada é explicativa, o que torna a definição, além de circular, insatisfatória, uma vez que uma mesma conjunção pode ser utilizada para expressar diferentes relações, conforme mostram os exemplos (1) e (2).

- (1) Eh, camarada, espere um pouco **que** isto acaba-se já. (Cunha; Cintra, 2001, p.597)
- (2) Ceamos à lareira, **que** a noite estava fria. (Ibidem, p.605)

De acordo com os autores, a oração causal em (1) é uma coordenada explicativa. Já a oração causal de (2) constitui uma oração subordinada adverbial. Como se observa, ambas as orações são introduzidas por “que”, conectivo que, no primeiro caso, seria uma conjunção coordenativa explicativa e, no segundo, uma subordinativa causal.

Portanto, apoiar-se apenas na conjunção não permite distinguir esses dois tipos de causalidades. Na verdade, em (1), a oração introduzida por “que” ocorre para justificar o pedido efetuado pelo falante para seu ouvinte; em outras palavras, ocorre para justificar um ato de fala. Já em (2), a oração, também introduzida por “que”, constitui o motivo da preferência para efetuar o evento “cear à lareira”.

Em (3) e (4), por outro lado, as orações introduzidas por “pois”, apesar de serem classificadas como explicativas, apresentam nuances de causalidade que distinguem uma da outra. A oração introduzida por “pois” em (3) justifica a percepção do falante a respeito da causa da preocupação de Tio Couto. Já a de (4) justifica a crença do falante de que “um pouquinho” era suficiente naquele momento.

- (3) Tio Couto estava sombrio **pois** *aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio*. (Cunha; Cintra, 2001, p.586)
- (4) Um pouquinho só lhe bastava no momento **pois** *estava com fome*. (Ibidem, p.598)

Como se vê, os exemplos de (1) a (4) mostram diferenças na relação causal que não escaparam a estudiosos como Dik (1997a; 1997b), Neves (2000), Quirk et al. (1991), Paiva (1995), Pérez Quintero (2002), Hengeveld (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008), conforme veremos adiante.

Dik et al. (1990) e Dik (1997a) chamam a atenção para as várias relações existentes dentro do que comumente é definido como relação de causa. Para os autores, além de causa, há também razão e explicação. Causa indica que o evento expresso na oração dependente desencadeia a ocorrência do evento expresso na oração principal sem que haja qualquer envolvimento intencional por parte de um agente, como em (5). Razão, por sua vez, fornece a causa da realização do estado de coisas expresso na oração principal em termos de um motivo atribuído ao controlador do estado de coisas da oração principal, conforme (6). Já explicação especifica um fato que dá suporte a outro representado pelo conteúdo proposicional do ato de

fala, ou seja, a oração adverbial apresenta considerações que conduzem o falante a chegar à conclusão contida na oração principal, e pode ser vista, então, como um ato ilocucionário separado, como em (7). Enquanto a origem da razão está num dos participantes da oração principal, a origem da explicação é o falante. Trataremos desta distinção mais detalhadamente na seção seguinte.

- (5) The car slipped *because the street was wet..* (Dik, 1997a, p.244)
O carro derrapou *porque a rua estava molhada.*
- (6) John ran to the station *because he wanted to catch the train.*
(Ibidem, p.245)
João correu para a estação *porque ele queria pegar o trem.*
- (7) Peter is at Joan's house *for his car is outside.* (Ibidem, p.245)
Pedro está na casa de Joana *porque o carro dele está do lado de fora.*

Tal como para Dik (1997a), para Neves (2000) “as relações causais são aquelas que apresentam entre si uma relação causal amplamente considerada” (p.805). Dessa maneira, a autora inclui na relação causal subtipos que têm como função expressar não apenas a causa real, mas também razão, motivo, justificativa ou explicação. Ela ressalta, entretanto, que é árdua a tarefa de buscar um refinamento da interpretação semântica que possa dar resposta à diferenciação entre esses dois grandes grupos que aparecem contrastados, na tradição, sob os rótulos de subordinadas causais, de modo que se consiga uma distinção entre causa, razão, motivo, explicação, justificativa etc. Tentaremos mostrar, no final deste capítulo, que esse refinamento é de fato possível dentro de um arcabouço teórico em que os subtipos apareçam claramente marcados.

O conceito de causa, em Paiva (1995), é empregado de forma mais extensiva, englobando relações de explicação, justificativa, evidência. Para a autora, a relação causal pode assumir tanto a forma “X então Y”, estruturando assim uma relação coordenativa, quanto a forma subordinativa “porque X, Y”.

Cristofaro (2003), por seu turno, define causa como a relação que conecta dois estados de coisas, em que um deles (o dependente, que é factual) fornece a motivação para a ocorrência do outro (o principal), conforme (8).

(8) O rio inundou *porque choveu muito*. (Pezatti, 2009, p.143)

Ao considerar que na relação causal há subtipos que apresentam função semântica diferente, Pérez Quintero (2002) não diverge de Paiva (1995) nem de Neves (2000), e distingue causa eventiva, ilocucionária e epistêmica. Segundo a autora, a causa eventiva expressa a percepção de um objetivo inerentemente conectado ao mundo real; a epistêmica expressa uma inferência do falante, e a ilocucionária, por sua vez, expressa uma razão, que não faz referência à situação descrita na oração principal, mas ao ato de fala.

Como se observa, apesar das denominações distintas, esses autores admitem que dentro do rótulo de orações causais existem subtipos de relações que devem ser diferenciadas, uma vez que exercem diferentes funções. Distinguem-se, basicamente, os três tipos de relações mencionados: causa eventiva, epistêmica e ilocucionária. Com muita frequência, porém, a mesma nomenclatura é atribuída a relações com diferentes funções. Para Quirk et al. (1991), por exemplo, a oração causal “porque ele me telefonou de lá”, em (9), constitui um ato de fala que faz referência à situação descrita no ato de fala principal e, portanto, é designado por uma entidade de quarta ordem.

(9) Percy is in Washington, *for he phoned me from there*.
(Quirk et al., 1991, p.1104)
Percy está em Washington, *porque ele me telefonou de lá*.

É possível, todavia, interpretar a oração causal como uma justificativa da inferência contida na oração principal (ou seja, o falante acredita que Percy está em Washington porque possui evidências de que esse fato é verdadeiro, uma vez que ele fez um telefonema

dessa cidade) e não da enunciação do ato de fala. Em (10), entretanto, a oração causal que antecede a principal é uma justificativa da enunciação do ato de fala interrogativo expresso na oração principal.

- (10) *As you're in charge*, where are the files on the new project?
(Quirk et al., 1991, p.1104)
Como você é o encarregado, onde estão as pastas do novo projeto?

Neves (2000), por sua vez, considera que a relação causal em (11) ocorre entre estados de coisas e trata-se, portanto, de causa efetiva. Já em (12) essa relação se estabelece entre proposições e constitui, então, causa epistêmica.

- (11) A multiplicação das colônias e sua distribuição pela pastagem é necessária *porque as vespas fêmeas não têm asas*, o que limita sua dispersão. (Neves, 2000, p.804)
- (12) Do leite devemos fazer uso abundante *porque além de ter efeito específico sobre o crescimento do organismo, é muito rico em cálcio*. (Ibidem, p.805)

Observando os dois exemplos, pode-se notar que, tanto em um quanto no outro, a oração causal justifica uma crença do falante, ou seja, uma proposição, marcada em (11) pelo predicado “é necessária” e em (12) pelo auxiliar modal “dever”. Dessa forma, trata-se de duas ocorrências de causa epistêmica.

Além das várias classificações oferecidas pelos autores, há, no corpus analisado, ocorrências como (13), para as quais não se encontra paralelo nos exemplos já apresentados.

- (13) [foi quando a gente combinou com o professor de matemática, a gente sempre brinca “ó, vamos num churrasco? vamos numa pizzaria?” e aquele dia realmente a gente combinou sério de ir. [...] ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham] e foi muito gostoso *porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor* (Brasil 93: Festa de estudante)

Nesse caso, a oração causal “porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor” apresenta um fato, o nascimento da amizade, ou seja, um estado de coisas que justifica a avaliação positiva do falante sobre ele, portanto, uma proposição, expressa na oração principal. Desse modo, a relação causal ocorre entre uma proposição dada na primeira oração e um estado de coisas expresso na causal, subtipo que não se enquadra em nenhuma das categorias mencionadas anteriormente.

Como se vê, não há um consenso quanto aos critérios que delimitam as relações causais, em meio a uma profusão de classificações, ora estritamente sintáticas, ora semânticas ou mesmo pragmáticas.

Diante da complexidade que envolve esse fenômeno e, ainda, da carência de um estudo mais abrangente sobre esse aspecto nas variedades portuguesas, o estudo aqui apresentado trata as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas que identificam os diferentes subtipos de causais, relacionando-os aos níveis e às camadas propostos pela Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Como universo de investigação, utilizou-se uma amostra de 137 ocorrências reais de uso, extraídas do *cópus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha.

Os dados analisados registram ocorrências conforme aquelas exemplificadas em (14), (15), (16) e (17), em que se observa a existência de dois eventos independentes, cuja relação causal é estabelecida pelo falante, já que não há, no mundo extralinguístico, relação entre os conteúdos expressos pelas orações envolvidas. A relação causal em cada uma delas, no entanto, distingue-se no tipo de categoria que relaciona, conforme mostraremos na seção a seguir.¹

(14) Não repare não, *porque a jabá foi feita avexada*. (Brasil 80: Bichinho)

1 Confira também Sposito (2012).

- (15) Morar na cidade é bom *porque temos acesso a muitas mais coisas*. (Portugal 96: Um meio pequeno)
- (16) E muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam mesmo, eh, pulseiras, e *porque acreditam em qualquer coisa de mágica* (Angola 97: Conto tradicional)
- (17) Escureceu muito rapidamente *porque estava ameaçando chuva* (Brasil 80: Fazenda)

Na seção que se segue, trataremos de cada subtipo, respeitando, metodologicamente, a direção descendente do modelo teórico, ou seja, apresentaremos as relações seguindo a hierarquia proposta pela teoria: iniciaremos com a relação causal que ocorre no nível e na camada mais alta e passaremos depois para o nível e as camadas mais baixas do modelo.

Subtipos pragmáticos e semânticos de relação causal

A motivação

Retomemos a ocorrência (14):

- (14) Não repare não, *porque a jabá foi feita avexada*. (Brasil 80: Bichinho)

Esse tipo de relação causal, como vimos, tem sido denominado de “causa ilocucionária” por autores como Pérez Quintero (2002), Paiva (1995) e Neves (2000). Dik (1997a) prefere denominá-la de “explicação”, e a tradição gramatical, de “coordenada explicativa”.

Não há dúvida de que essa ocorrência é composta de dois atos discursivos: a primeira oração, “não repare não”, constitui um ato discursivo com ilocução imperativa, e a segunda, “porque a jabá foi feita avexada”, é outro ato, mas com ilocução declarativa, que fornece uma justificativa para a enunciação do ato imperativo, como

mostra claramente a paráfrase em (14a), em que a ilocução imperativa é representada pelo operador lexical “pedir”.

(14) a **Peço** que não repare não *porque a jabá foi feita avexada*.

Há de fato dois atos discursivos distintos, cada um com sua própria força ilocucionária e com seu próprio contorno entonacional, relacionados por meio da causalidade. Existe uma relação de dependência, uma vez que a enunciação de um ato justifica a de outro. Em outras palavras, o ato nuclear “não repare não”, primeiramente expresso, é justificado pelo ato que o segue, o subsidiário. Trata-se, portanto, de uma relação que ocorre no nível interpessoal, pois diz respeito a propriedades de interações que fluem das estratégias de natureza proposital. Uma dessas estratégias, conforme apresentado no Capítulo 1 desta obra, refere-se à retórica, que está fundamentalmente relacionada aos modos como os componentes de um discurso são ordenados para a realização da estratégia comunicativa do falante. O ato subsidiário representado pela oração causal “porque a jabá foi feita avexada” reflete a estruturação global do discurso e exerce, portanto, uma função retórica, denominada motivação. A função motivação, como o próprio nome indica, caracteriza-se por se aplicar a um ato discursivo que fornece a motivação do falante para enunciar a ilocução contida no ato nuclear (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Uma propriedade marcante desse subtipo é que o ato subsidiário constitui sempre uma asserção, o que não ocorre com o ato nuclear, que, no entanto, pode apresentar outros tipos de ilocução. As ocorrências (18a) e (19a) exemplificam casos em que o que está sendo justificado é a asserção contida no ato declarativo nuclear, como claramente mostram (18b) e (19b).

(18) a Alguém tem que saber o que é que está havendo, não é, *porque o barulho não é normal* (Brasil 80: Fazenda)

b Alguém tem que saber o que é que está havendo, não é?, [**e eu digo isso**] *porque o barulho não é normal*.

- (19) a F: E não existe essa ditadura do proletariado.
E: hum, hum.
F: *porque a coisa ao longo do tempo foi transformando*, aquele transformacionismo que a gente sabe que acontece em toda sociedade ao longo do tempo (Brasil 87: Economia e sociedade)
- b F: E não existe essa ditadura do proletariado.
E: hum, hum.
F: [**eu digo isso**] *porque a coisa ao longo do tempo foi transformando*.

Considerando que toda camada dispõe de seu próprio conjunto de operadores e modificadores, no subtipo motivação de relação causal os atos discursivos envolvidos só podem ser restringidos por modificadores que atuam nessa camada, como “caramba”, que restringe o ato ao expressar raiva, irritação, enfatizando-o (Hengeveld; Mackenzie, 2008). É o que se observa em (20) e (21).

(20) Não repare não, **caramba**, *que a jabá foi feita avexada*.

(21) Não repare não, *que a jabá foi feita avexada*, **caramba**.

Como fica claro, essa relação causal, conforme entendem Pérez Quintero (2002), Paiva (1995) e Neves (2000) para o que denominam causa ilocucionária, expressa uma razão que faz referência ao próprio ato de fala, e não à situação expressa na oração principal. Essa definição não é muito diferente daquela apresentada por Kury (1985), ao afirmar que a coordenada explicativa “*exprime o motivo de se ter feito a declaração anterior*” (p.69).

A explicação

Retomemos agora a ocorrência (15).

- (15) Morar na cidade é bom *porque temos acesso a muitas mais coisas*.
(Portugal 96: Um meio pequeno)

O que (15) expressa é que a avaliação contida na oração principal, “morar na cidade é bom”, é justificada pela oração subordinada. Já em (22a), a avaliação do falante de que o evento relatado foi bom apoia-se no evento “nascimento da amizade com o professor”, como se nota pela paráfrase em (22b).

- (22) a [foi quando a gente combinou com o professor de matemática, a gente sempre brinca “ó, vamos num churrasco? vamos numa pizzaria?” e aquele dia realmente a gente combinou sério de ir. [...] ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham] e foi muito gostoso [**e eu considero assim**] *porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor* (Brasil 93: Festa de estudante).
- b foi muito gostoso [**e eu considero assim**] *porque a partir dali nasceu, de fato, uma amizade muito gostosa com o professor.*

Na verdade, tanto (15) quanto (22a) contêm um conteúdo proposicional cuja justificativa se encontra em um estado de coisas. Conteúdos proposicionais são entidades de terceira ordem, que, como tais, podem ser qualificadas por atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou por menção de sua origem ou fonte (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência). Um estado de coisas, por outro lado, é uma entidade de segunda ordem, que pode ou não ocorrer em algum ponto de um intervalo de tempo e ser avaliada em termos de seu estatuto de realidade.

Essa relação ocorre, portanto, no nível representacional, em que o estado de coisas consiste em um modificador, pois qualifica o conteúdo proposicional ao apresentar o fato que o justifica. Nesse tipo de relação causal, a oração principal constitui um conteúdo proposicional, uma vez que expressa uma avaliação, crença, inferência ou julgamento motivado pelo estado de coisas que vem a seguir. Na ocorrência (23a), a restrição do conteúdo da oração principal pode ser comprovada por modificadores de conteúdo proposicional como “com certeza” em (23b). Por outro lado, o estatuto de estado de coisas da oração subordinada “nasceu uma amizade mais gostosa com o professor” é atestado pelo modificador de tempo relativo “a partir dali”, próprio dessa camada, em (23c).

- (23) a foi muito gostoso *porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor* (Brasil 93: Festa de estudante)
 b **Com certeza** foi muito gostoso.
 c Foi muito gostoso *porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor.*

As ocorrências (24), (25) e (26) constituem também exemplos desse tipo de relação causal. Nesses casos, o estatuto de conteúdo proposicional da oração principal é evidenciado pelo uso do verbo “achar”.

- (24) A causa do aborto clandestino, eu **acho** que... é, deriva dos pais, *porque às vezes uma pessoa fica grávida dentro da casa dos pais e tem o medo de ficar com aquele gravidez...* (Guiné-Bissau 95: Aborto)
- (25) Eu **acho** que o nosso problema aqui é, é financeiro, não é? *porque as pessoas só se fazem ouvir quando saem para fora* (Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- (26) Eu **acho** que estamos a levantar com uma nova mentalidade, não é, *porque ... já começamos a perceber coisas, já temos mais acesso* (Guiné-Bissau 95: Democracia)

Esse tipo de relação ora é entendido pela tradição gramatical como causa efetiva, ora como causa epistêmica (cf. Pérez Quintero, 2002; Paiva, 1995; Neves, 2000), ora como coordenada explicativa. Preferimos, no entanto, denominar a relação causal desse subtipo de explicação, para distingui-la dos outros tipos aqui abordados, já que se trata de ocorrências em que um estado de coisas justifica um conteúdo proposicional expresso na oração principal.

A razão

Inversamente ao que acontece com a explicação, a ocorrência repetida aqui, em (27a), mostra que a relação causal se estabelece entre o estado de coisas expresso na oração principal, “uso de

pulseiras”, e o conteúdo proposicional expresso na subordinada, “a crença na existência de mágica”. Nesse caso, o participante da oração principal tem controle sobre a ocorrência do estado de coisas nela expresso, usar pulseiras, que é motivado pela crença na magia. Assim, a relação razão se identifica por uma crença (conteúdo proposicional) que justifica um fato (estado de coisas), como mostra a paráfrase em (27b). Essa relação ocorre, portanto, também no nível representacional, sendo o conteúdo proposicional um modificador, pois qualifica o estado de coisas, ao apresentar o cenário cognitivo de sua ocorrência.

- (27) a E muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam mesmo, eh, pulseiras, e *porque acreditam em qualquer coisa de mágica* (Angola 97: Conto tradicional)
- b E muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam mesmo, eh, pulseiras, e **fazem isso** *porque acreditam em qualquer coisa de mágica*.

Nesses casos, o estado de coisas expresso pela oração principal pode ser restringido por um modificador dessa camada, por exemplo, “de fato”, que indica o seu estatuto de realidade, enquanto o conteúdo proposicional, expresso pela oração subordinada, só pode ser restringido por um modificador de conteúdo proposicional, por exemplo, “com certeza”, como mostram as paráfrases de (27a) em (28a) e (28b), respectivamente. Note-se, sobretudo, que “com certeza” só se aplica à oração com função razão, e não ao conjunto todo, como se pode conferir pela agramaticalidade de (28c).

- (28) a e muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam **de fato**, eh, pulseiras, e *porque realmente acreditam em qualquer coisa de mágica*
- b muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam, eh, pulseiras, e *porque com certeza acreditam em qualquer coisa de mágica*.
- c ***com certeza** muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam, eh, pulseiras, e *porque acreditam em qualquer coisa de mágica*.

Razão constitui, portanto, a função exercida por uma oração que apresenta um pensamento que leva um agente humano a agir de determinada forma (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Essa função não é tratada em separado nos estudos gramaticais tradicionais, mas pode ser inferida pela definição, dada à oração adverbial causal como aquela que apresenta uma causa, motivo, resultado, consequência ou razão da oração principal (Cunha, 2001; Bechara, 1999). Dik (1997a) denomina-a de razão, em virtude de fornecer o motivo, atribuído a um controlador da realização de um estado de coisas expresso na oração principal. Autores como Pérez Quintero (2002) e Paiva (1995) a denominam de causa epistêmica, enquanto Neves (2000), como vimos, dá a esse subtipo o nome de causa efetiva.

A causa

A ocorrência (17), retomada aqui em (29), constitui um exemplo típico do que se denomina de adverbial causal na tradição gramatical e de causa eventiva por autores como Pérez Quintero (2002), Paiva (1995) e Neves (2000), que a entendem como a relação que expressa a percepção de um objetivo inerentemente conectado ao mundo real. Dik (1997a), assim como Hengeveld (1998, p.346-7), prefere denominá-la simplesmente de causa, já que ela indica que o evento expresso na oração dependente desencadeia a ocorrência do evento expresso na oração principal, sem que haja qualquer envolvimento intencional de uma entidade agentiva.

(29) escureceu muito rapidamente *porque estava ameaçando chuva* (Brasil 80: Fazenda)

Na verdade, todas essas definições pressupõem dois eventos relacionados de tal modo que um desencadeia a ocorrência do outro. Em (29), a relação é estabelecida entre dois estados de coisas: o estado de coisas nuclear “escurecimento rápido” é desencadeado pela ocorrência do estado de coisas dependente “ameaça de chuva”, sem que haja qualquer ação por parte de um agente, o que possibilita a paráfrase em (30).

- (30) escureceu muito rapidamente e **isso aconteceu** porque estava ameaçando chuva

Como se trata de dois estados de coisas, tanto o nuclear quanto o dependente podem ser restringidos por modificadores que especificam o tempo relativo, o lugar e a frequência de ocorrência, assim como o estatuto de realidade, o cenário físico ou cognitivo do estado de coisas. É possível, portanto, modificar independentemente os dois estados de coisas envolvidos por, por exemplo, um modificador de realidade *de fato*, como se vê nas paráfrases de (29) em (31a) e (31b).

- (31) a Escureceu **de fato** muito rapidamente porque estava ameaçando chuva
 b Escureceu muito rapidamente porque estava **de fato** ameaçando chuva

Esses subtipos de relação, denominados respectivamente de adverbial causal e coordenada explicativa, são os que têm recebido maior atenção na tradição gramatical. Isso pode ser justificado pelo fato de a distinção entre elas ser bem nítida, já que pertencem às camadas mais postas: motivação pertence à camada mais alta do nível interpessoal, enquanto causa pertence à camada mais baixa do nível representacional.

Propriedades dos diferentes subtipos de relações causais

Como demonstrado, os quatro tipos de relação causal ocorrem em níveis e camadas distintas, o que pressupõe propriedades distintas.

Um traço muito comum no subtipo motivação, por exemplo, é a existência de atos interativos, como “não é?” e “sabes?”, que delimitam a fronteira entre os dois atos discursivos envolvidos na relação causal, como exemplificam (32) e (33).

- (32) reconciliação eu não digo, **não é?** *porque até agora abandalham-me* (Angola 97: Jovem Gaspar)
- (33) notei que era falta de tática, **sabes?**, *porque se, eh pá, se tivesse aquelas conhecimentos básicos não haveria nenhuma, nenhuma dificuldade* (Moçambique 83: Cantar e pintar)

Atos interativos podem ocorrer, no entanto, em outros subtipos de relação causal, como razão, conforme mostra (34), em que o ato interativo “entendeu?” interpõe-se entre os dois atos discursivos envolvidos. Observe-se, no entanto, que a relação causal se estabelece entre o estado de coisas e o conteúdo proposicional, e não entre os atos discursivos, ou seja, a oração dependente apresenta a razão do falante de não contar segredos à irmã gêmea, e não a de ter enunciado o ato discursivo anterior.

- (34) tem coisas que eu não conto para a minha irmã, que eu conto para melhores amigas minhas, entendeu?, *porque ela é diferente de mim em muitas coisas* (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)

Assim, também ocorrências como (35) e (36), repetidas aqui, constituem casos de relação causa, cujas orações, no nível interpessoal, correspondem a atos discursivos separados por outro ato discursivo de natureza interativa.

- (35) A gente levava altos pitos da minha mãe, **não é?** *porque a gente ficava dando risada da minha vó* (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)
- (36) Não foi a classe inteira, **é lógico**, *que a gente não combinou com a classe inteira* (Brasil 80: Festa de estudante)

Nesses casos, novamente, a relação causal não se estabelece no nível interpessoal, ainda que se configurem dois atos, mas sim no nível representacional, entre dois estados de coisas: em (35), a ocorrência do estado de coisas causal desencadeia a ocorrência do estado de coisas “levar altos pitos da mãe”; em (36), o estado de coisas

dependente “não ter combinado com a classe inteira” é causa de não ocorrer o estado de coisas principal “ida de toda a classe”.

Os dados mostram ainda que os atos discursivos envolvidos podem apresentar ilocução diferente, como em (37), em que o ato nuclear, com ilocução interrogativa, constitui uma pergunta retórica,² “por quê?”, e o ato subsidiário, com ilocução declarativa, corresponde à oração subordinada com função causa estabelecida no nível representacional.

- (37) e por quê? *porque nós estamos numa fase de grande desenvolvimento*
(Portugal 90: Poderes do chefe de Estado)

Isso revela a independência existente entre os níveis propostos pela GDF, ou seja, não há relação um a um entre os níveis interpe-soal, representacional, morfossintático e fonológico, como ressaltam Hengeveld e Mackenzie (2008).

Um traço comum aos quatro tipos de relação causal detectados no *córpus* refere-se à facticidade. Conforme Pérez Quintero (2002), são factuais as orações que descrevem uma propriedade ou relação aplicável, um estado de coisas real, um conteúdo proposicional verdadeiro e um ato discursivo assertivo. Os casos negativos, ou seja, uma propriedade ou relação não aplicável, um estado de coisas irreal, um conteúdo proposicional falso e um ato discursivo interrogativo, imperativo ou exclamativo, são não factuais. Vejamos.

Na relação motivação, como já observado, o ato nuclear pode apresentar várias ilocuições, conforme mostra (38), que contém uma ilocução imperativa, “não repare não”, e (39), que contém uma ilocução declarativa, “alguém tem que saber o que é que está havendo”. Já o ato subsidiário é sempre declarativo, expressando, portanto, uma asserção, o que lhe confere o estatuto factual.

- (38) Não repare não, *porque a jabá foi feita avexada*. (Brasil 80: Bichinho)

2 Para maiores detalhes a esse respeito, ver Fontes e Pezatti (2012).

- (39) Alguém tem que saber o que é que está havendo, não é, *porque o barulho não é normal* (Brasil 80: Fazenda)

A relação explicação, como vimos, expressa sempre um conteúdo proposicional, cuja justificativa se encontra em um estado de coisas que é sempre apresentado como real. Assim, em (40), o nascimento da amizade é considerado pelo falante como um evento que de fato ocorreu, haja vista o uso do verbo no pretérito perfeito do indicativo (nasceu). A oração explicação é, portanto, factual.

- (40) [foi quando a gente combinou com o professor de matemática, a gente sempre brinca “ó, vamos num churrasco? vamos numa pizzaria?” e aquele dia realmente a gente combinou sério de ir. [...] ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham] e foi muito gostoso *que a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor* (Brasil 93: Festa de estudante)

Um conteúdo proposicional avaliado como verdadeiro implica também factualidade positiva. É o que ocorre na relação razão de (41), em que a oração “dois basta” expressa a crença do falante na verdade do conteúdo proposicional que ele apresenta.

- (41) Não! Ela, quando nasceu a garota, ligamos. man[...], mandei ligar *porque dois basta*. (Brasil 80: Criar filhos)

A oração expressa na causa, por seu turno, descreve um estado de coisas considerado real pelo falante, como se pode observar em (42) e (43), em que as orações causais representam eventos descritos como de fato ocorridos.

- (42) A gente levava altos pitos da minha mãe, não é? *porque a gente ficava dando risada da minha vó* (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)
- (43) Não foi a classe inteira, é lógico, *que a gente não combinou com a classe inteira* (Brasil 80: Festa de estudante)

Como se vê, uma propriedade que caracteriza os quatro subtipos de relação causal é ser sempre factual, pois apresenta atos discursivos assertivos, conteúdos proposicionais verdadeiros e estados de coisas reais. Em decorrência dessa factualidade positiva, todos os subtipos apresentam outra propriedade comum: o verbo da oração subordinada encontra-se sempre no modo indicativo, conforme exemplificam as ocorrências (44), (45), (46) e (47), respectivamente, motivação, explicação, razão e causa.

- (44) Vai-te embora *que a minha mãe não, não me **deixa** conversar* (Portugal 97: Namoro em outros tempos)
- (45) Eu acho que o nosso problema aqui é, é financeiro, não é? *porque as pessoas só se **fazem** ouvir quando saem para fora.* (Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- (46) tem coisas que eu não conto para a minha irmã, que eu conto para melhores amigas minhas, entendeu?, *porque ela é diferente de mim em muitas coisas.* (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)
- (47) Como já se trata de uma zona fértil, *lá **criaram** todo o processo de socialização.* (Cabo Verde 95: Ilha do Fogo)

Como observa Mackenzie (2014), o modelo implica uma perspectiva interacional em que a codificação (por parte do falante) é complementada pela decodificação (por parte do ouvinte), e a formulação (do falante) é complementada pela reconstrução (do ouvinte).³ Desse modo, as propriedades pragmáticas e semânticas devem ser morfossintaticamente codificadas, permitindo que a interação avance de modo dinâmico. No caso da relação causal, a codificação é efetuada por meio de palavras lexicais, denominadas conjunções.

3 Reconstrução, para o autor, é o termo usado para designar a criação do ouvinte no nível interpessoal e no representacional, com base no que ele decodifica.

Neves (2000) afirma que as orações causais podem ser introduzidas pelas conjunções “pois”, “que”, “pois que”, “tanto mais que”, “por causa que”, “por isso que”, “porquanto”, “já que”, “uma vez que”, “desde que”, “dado que”, “visto que”, “visto como”, “como”. Na amostra investigada, no entanto, as conjunções usadas reduzem-se a quatro simples: “porque”, “que”, “pois”, “como”, e a três complexas: “já que”, “visto que”, “uma vez que”, das quais não trataremos neste momento, pois isso exige uma discussão que demanda maior espaço do que dispomos neste texto.

A função motivação pode ser codificada por três conjunções lexicais – “porque”, “que”, “pois” –, como mostram as ocorrências (48), (49) e (50).

- (48) Eu falei para as minhas crianças que absolutamente não acreditam sem nessas histórias **porque**... *isso era coisa de gente ignorante e as pessoas da fazenda não, não, não vinham à cidade, não tinham meios de comunicação etc.* (Brasil 80: Fazenda)
- (49) É um animal que tem o pêlo bicudo e tem, e focinho de porco e a gente apanha aquele animal e traz-o para a nossa casa, serve até para, para apanhar os ratos em casa... **que onde há um ouriço, os ratos não entram** (Portugal 70: Homens e bichos)
- (50) F: de eu fazer umas entrevistas. durante o ano, claro que não há muito trabalho. e aí está: é uma das desvantagens, se eu por exemplo, se estivesse em Lisboa, já tinha entrevistas todas as semanas, não é,
E: hum, hum.
F: aí, neste campo, nesta profissão, é, é pena, de facto!
E: e nos momentos em que tu tens poucas entrevistas a fazer então r[...], fazes trabalho... de gabinete...
F: sim, sim, sim **pois**, *eu estou no jornal a trabalhar nos computadores também*
E: hum, hum.
F: precisamente por não haver material suficiente para me manter ocupada o ano todo.
(Portugal 96: Um meio pequeno)

As funções explicação e razão são morfossintaticamente expressas por “porque” ou “que”, conforme ilustram (51)-(52) e (53)-(54), respectivamente.

- (51) Foi uma pena **porque** *todo mundo falava de você na classe*. (Brasil 93: Festa de estudante)
- (52) a menina no futuro vai dar mais trabalho, não é?, **que** *a menina sempre é mais trabalhosa, não é?, educar uma filha, é sempre mais difícil* (Brasil 80: Filhos)
- (53) Não! Ela, quando nasceu a garota, ligamos. Man[...], mandei ligar **porque** *dois basta*. (Brasil 80: Criar filhos)
- (54) Eu também faço por ela **que** *eu gosto dela demais*. (Brasil 80: Gosto dela)

Causa, no entanto, além de ser indicada com “porque” e “que”, conforme exemplificado em (55) e (56), pode ser indicada por “como”, como mostra (57), o que não acontece com as três relações anteriores. Trata-se, portanto, de uma propriedade específica dessa relação, que ocorre na camada mais baixa do nível representacional, a do estado de coisas.

- (55) Quando uma das enfermeiras me viu, ela ficou *apavorada* **porque** *tinha visto eu ser jogada uns dois metros de altura e cair no chão* (Brasil 80: Acidente)
- (56) Não foi a classe inteira, é lógico, **que** *a gente não combinou com a classe inteira* (Brasil 80: Festa de estudante)
- (57) **Como** *já se trata de uma zona fértil*, lá criaram... todo o processo de socialização (Cabo Verde 95: Ilha do Fogo)

Um dos critérios proposto por Kury (1985) para distinguir a oração coordenada explicativa da oração adverbial causal consiste

na possibilidade de se omitir a conjunção na primeira, sem qualquer prejuízo da clareza. De fato, é perfeitamente possível a não expressão da conjunção, tal como nas paráfrases de (48) e (49) em, respectivamente, (58) e (59), exemplos de motivação. Não se pode dizer a mesma coisa da explicação, em (60), da razão, em (61), e da causa, em (62), pois não é possível estabelecer uma relação causal sem a expressão da conjunção, a menos que se construa cada uma das orações como uma frase fonológica independente, ou seja, com tom final de fronteira na última palavra, indicando fechamento, seguido de pausa longa. Nesse caso, no entanto, não fica claro o tipo de relação pretendida.

- (58) Eu falei para as minhas crianças que absolutamente não acreditassem nessas histórias *isso era coisa de gente ignorante e as pessoas da fazenda não, não, não vinham à cidade, não tinham meios de comunicação etc.*
- (59) É um animal que tem o pêlo bicudo e tem, e focinho de porco e a gente apanha aquele animal e traz-o para a nossa casa, serve até para, para apanhar os ratos em casa... *onde há um ouriço, os ratos não entram.*
- (60) foi uma pena *todo mundo falava de você na classe.*
- (61) Eu também faço por ela *eu gosto dela demais.*
- (62) ela ficou apavorada *tinha visto eu ser jogada uns dois metros de altura e cair no chão.*

Como se vê, apesar de a conjunção mais frequente, “porque”, ocorrer em todos os tipos de relação causal, “pois” e “como” expressam relações específicas, respectivamente, motivação e causa.

Essa distribuição de conjunção se correlaciona com outra propriedade das relações causais. Com exceção da oração introduzida por “como”, todas as outras orações que expressam relação causal caracterizam-se por se posicionarem após a principal.

Paiva (1995) entende que essa ordenação reflete a função que os segmentos causais assumem na organização discursiva: 1) introduzem informação nova; 2) são inferíveis de outras partes de informação já apresentadas no discurso anterior.

Para nós, entretanto, essa ordenação núcleo-modificador⁴ reflete o princípio de iconicidade, presente na ordenação de experiências cognitivas, isto é, na capacidade que as línguas humanas têm de “desenhar”, “pintar”, “retratar”, “esculpir”, nas formas linguísticas, a realidade não linguística (Bagno, 2011, p.453-4). Assim, o ato subsidiário motivação segue o ato nuclear (cf. (63)), e as orações dependentes explicação, razão e causa seguem a principal, conforme exemplificam, respectivamente, (64), (65) e (66).

- (63) Alguém tem que saber o que é que está havendo, não é, *porque o barulho não é normal* (Brasil 80: Fazenda)
- (64) foi uma pena *porque todo mundo falava de você na classe*. (Brasil 93: Festa de estudante)
- (65) Não! Ela, quando nasceu a garota, ligamos. Man[...], mandei ligar *porque dois basta*. (Brasil 80: Criar filhos)
- (66) Quando uma das enfermeiras me viu, ela ficou apavorada *porque tinha visto eu ser jogada uns dois metros de altura e cair no chão* (Brasil 80: Acidente)

Esse princípio, no entanto, é violado pelas orações causais introduzidas por “como”, que sempre ocorrem antepostas à principal, conforme demonstram (67) e (68).

- (67) **Como** já se trata de uma zona fértil, lá criaram... todo o processo de socialização (Cabo Verde 95: Ilha do Fogo)
- (68) **Como** choveu, todas elas desapareceram! (Moçambique 86: Chuva)

4 A relação núcleo-modificador refere-se à expansão de um núcleo com um modificador opcional (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008).

O que acontece, nesse caso, é que a violação do princípio é resultado de determinações vindas do nível interpessoal, ou seja, a oração causa anteposta fornece um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada no conteúdo comunicado que a segue. Em outras palavras, veicula a função pragmática tópico,⁵ que, como tal, assume a posição P^I, própria dessa função (cf. Pezatti, 2012). Desse modo, é a atribuição da função pragmática tópico que determina a colocação da oração dependente antes da principal no nível morfossintático.

Entende Paiva (1995) que a posição é uma propriedade relevante quando está envolvida a relação causal. Para essa autora, essa relação pode assumir a forma “X então Y”, estruturando assim uma relação coordenativa, ou a forma “porque X, Y”, que constitui uma estrutura subordinativa.

Para a GDF, no entanto, coordenação e subordinação são processos que acontecem no nível morfossintático, conforme apresentado no Capítulo 1. A coordenação ocorre dentro de uma expressão linguística composta por duas orações independentes, já que nenhuma é constituinte da outra. A subordinação, por outro lado, acontece dentro de uma expressão linguística que contém duas orações, sendo, no entanto, uma delas constituinte (argumento ou modificador) da outra. Isso significa que a subordinação é um processo típico das camadas mais baixas do nível morfossintático, as da oração e do sintagma.

Como já demonstrado, a função motivação constitui um ato discursivo que segue o ato discursivo nuclear. Isso se reflete, no nível morfossintático, na estruturação da expressão linguística que, neste caso, combina duas orações independentes, caracterizando assim

5 A função pragmática tópico é atribuída a um constituinte para assinalar como o conteúdo comunicado se relaciona com o registro construído gradualmente no componente contextual, fornecendo um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada (Hannay; Martínez-Caro, 2008, p.60). É, na verdade, um reflexo linguístico de uma instrução para o ouvinte resgatar uma informação já apresentada (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.92).

um processo de coordenação, como mostram todas as ocorrências de motivação até agora relacionadas, aqui exemplificadas em (69).

- (69) reconciliação eu não digo, *não é? porque até agora abandalham-me* (Angola 97: Jovem Gaspar)

Explicação, razão e causa, por outro lado, constituem restritores ou de conteúdo proposicional ou de estado de coisas. No caso de explicação, a oração causal restringe o conteúdo da oração principal, ao especificar uma atitude proposicional relacionada ao grau de comprometimento de um ser racional com o conteúdo proposicional expresso na principal. Assim, em (70), o falante mostra seu compromisso com a verdade da avaliação contida na principal, ao justificá-la por meio do estado de coisas expresso na oração “temos fácil acesso a muitas outras coisas”.

- (70) Morar na cidade é bom *porque temos acesso a muitas mais coisas.* (Portugal 96: Um meio pequeno)

A oração razão, por sua vez, constitui um modificador de um estado de coisas, já que o qualifica ao apresentar o cenário cognitivo de sua ocorrência. Em (71), a oração que exprime crença, “acreditam em qualquer coisa de mágica”, apresenta o pensamento que leva um agente humano a usar pulseiras.

- (71) E muitas vezes na tradição africana, as pessoas usam mesmo, eh, pulseiras, e *porque acreditam em qualquer coisa de mágica* (Angola 97: Conto tradicional)

Também a oração causa constitui um modificador de um estado de coisas, uma vez que especifica o cenário cognitivo de sua ocorrência, sem, no entanto, apresentar nenhum envolvimento intencional por parte de um agente na ocorrência do evento, como ocorre em (72).

- (72) Escureceu muito rapidamente *porque estava ameaçando chuva* (Brasil 80: Fazenda)

Essa propriedade semântica – ser modificador de um núcleo no nível representacional – traz consequências para a codificação morfossintática, uma vez que a expressão linguística, nesse caso, é composta de duas orações, sendo umas delas, no entanto, modificador da outra. Como resultado, o processo é de subordinação.

Em resumo, motivação implica coordenação, e explicação, razão e causa implicam subordinação, o que corrobora, de certo modo, a distinção estabelecida pela gramática tradicional entre coordenada explicativa e adverbial causal, sem, contudo, o refinamento conceitual aqui demonstrado.

As informações pragmáticas e semânticas não codificadas no nível morfossintático são então levadas para o nível fonológico, que se encarregará de criar o *input* para a operação de articulação no componente de saída.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), são elementos gramaticais apenas os aspectos fonológicos, como operadores de queda e subida (respectivamente, *f* e *r*), enquanto os aspectos fonéticos, como pausa (*#*), constituem elementos do componente de saída, o que implica, portanto, que fiquem fora da gramática.

Fonologicamente, as diferentes relações causais aqui descritas ocorrem na camada da frase entonacional (IP), que se caracteriza por um contorno entonacional único, marcado em geral por um tom de fronteira na última palavra, correspondente, no nível interpessoal, a um ato discursivo. O limite entre duas IPs apresenta um contorno entonacional com subida na fronteira e tom de continuidade (cf. Tenani, 2002), com pausa breve ou mudança na tessitura ao final do enunciado.

Na função motivação, observa-se claramente um contorno entonacional para cada ato, com uma pausa longa entre o ato nuclear e o subsidiário, na maioria dos casos, antes do relator, como ocorre em (73).

- (73) d ((U_i [(fIP_i: não repare *não* (IP_i)) # (fIP_j): que a jabá foi feita *avexada* (IP_j)))(U₁))

Há casos, entretanto, em que, não havendo pausa, a fronteira é marcada por clara mudança na tessitura e pelo tom de fechamento entre os dois atos discursivos, com o operador de queda na última palavra do ato nuclear. Ilustra claramente esse fenômeno a ocorrência em (74), em que o ato nuclear imperativo “bota pra ele igual” é imediatamente seguido do subsidiário declarativo “que ele mata”.

- (74) $((U_i [(fIP_i: \text{O prato de arroz e feijão que bota pra mim } (IP_j) (fIP_j): \text{bota pra ele igual } (IP_j) (fIP_k): \text{que ele mata } (IP_k)])(U_i))$ (Brasil 80: Criar filhos)

Dessa forma, a codificação fonológica na motivação, exprimindo um reflexo da formulação no nível interpessoal, é responsável por marcar, em termos prosódicos, uma relação de fronteiras nitidamente separadas em duas frases entonacionais.

A codificação fonológica de cada subtipo de relação causal do nível representacional – explicação, razão e causa – corresponde também a uma frase entonacional, assim como na motivação. No entanto, a relação entre elas é mais integrada prosodicamente, uma vez que só ocorre uma pausa longa no final da oração causal, demarcando o término do enunciado fonológico.

O exemplo (75), caso de relação explicação, é fonologicamente constituído por duas frases entonacionais, com as fronteiras marcadas pela mudança de tessitura e pelo tom de continuidade na primeira IP, sem realização de pausa longa.

- (75) $((U_i [(fIP_i: \text{e foi muito gostoso } (IP_j) (fIP_j): \text{porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor } (IP_j)])(U_i))$

Isso também se verifica na relação razão, expressa em (76), aqui retomada: as duas orações constituem, fonologicamente, um único enunciado, com mudança na tessitura provocada por um operador de subida na primeira IP, “mandei ligar”, tom de fronteira de continuidade e pausa breve, seguida então da IP que contém a subordinada “porque dois basta”.

- (76) ((U_i [(fIP_i: quando nasceu a garota (IP_i) (fIP_j): *ligamos* (IP_j)) (fIP_k): *porque dois basta* (IP_k))](U_i)) (Brasil 80: Criar filhos)

Na relação causa isso também pode ser constatado, como exemplifica prototipicamente a ocorrência (77): duas frases entonacionais compõem um único enunciado, apresentando a primeira um operador de subida no final e tom de fronteira de continuidade.

- (77) ((U_i [(fIP_i: *escoreceu rapidamente* (IP_i)) (fIP_j): *porque estava ameaçando chuva* (IP_j))](U_i))

Em síntese, trata-se de um único enunciado que contém duas IPs. A fronteira entre elas é marcada por contorno descendente na primeira e contorno ascendente no início da segunda.

Dessa forma, as quatro relações causais ocorrem na camada da frase entonacional, apresentando, na fronteira entre as duas IPs, pausa e mudança na tessitura. Diferem, porém, no tom, de acordo com o nível interpessoal ou representacional envolvido na formulação: na relação motivação, a fronteira entre elas é fortemente marcada pelo tom de fechamento e pela pausa longa, enquanto nas relações explicação, razão e causa o tom é de continuidade e, preferencialmente, pausa breve.

Palavras finais

A descrição dos subtipos oferece suficiente evidência de que a relação causal apresenta grau ainda mais elevado de complexidade do que supõe a tríplice distinção efetuada por autores como Pérez Quintero (2002), Paiva (1995), Dik (1997a), Neves (2000) e Hengeveld (1998), com o acréscimo de um quarto subtipo, aqui denominado explicação. No Quadro 1 aparecem resumidos os quatro tipos, considerando os quatro níveis.

Quadro 1 – Propriedades das relações causais

Nível/Relação		Causa	Razão	Explicação	Motivação
Nível interpessoal	Camadas	C	C	C	A
	Ato interativo	+	+	+	+
	Função retórica	-	-	-	+
Nível representacional	Camadas	e-e	e-p	p-e	p-p
	Factualidade	+	+	+	+
	Função semântica	+	+	+	-
Nível morfosintático	Camadas	O	O	O	Le
	Relator	conj	conj	conj	conj
	Processo	sub	sub	sub	coord
Nível fonológico	Camada	IP	IP	IP	IP
	Marca prosódica	+	+	+	+

C = conteúdo comunicado; A = ato discursivo; p = conteúdo proposicional; e = estado de coisas; O = oração; Le = expressão linguística; conj = conjunção; sub = subordinação; coord = coordenação; IP = frase entonacional

O quadro revela uma clara distinção entre o subtipo motivação, por um lado, e os subtipos explicação, razão e causa, por outro. Em termos de GDF, há uma clara distinção entre a relação causal do nível interpessoal e as relações causais do nível representacional.

O subtipo motivação ocorre no nível interpessoal, entre dois atos discursivos, o primeiro nuclear e o segundo subsidiário, constituindo, portanto, uma função retórica. Já os subtipos explicação, razão e causa se definem como diferentes categorias semânticas no nível representacional, que correspondem às camadas envolvidas entre o núcleo e o dependente: na explicação, o núcleo é um conteúdo proposicional modificado por um estado de coisas; na razão, a relação se inverte, pois o núcleo é um estado de coisas e o dependente, um conteúdo proposicional; já na relação causa, tanto o núcleo quanto seu dependente constituem estados de coisas.

No nível morfosintático, essas diferenças se manifestam nas camadas e nos diferentes processos envolvidos em cada relação. A relação estabelecida entre atos discursivos ocorre na camada da expressão linguística, por meio do processo de coordenação, pois se trata de duas orações independentes. Como nenhuma é constituinte

da outra, a combinação delas constitui uma só unidade formal. As outras três relações, por seu turno, ocorrem na camada da oração, via processo de subordinação, já que a relação se estabelece entre o núcleo (oração principal) e seu modificador (oração subordinada).

É possível ainda extrair dos dados uma correlação relevante. As quatro conjunções lexicais utilizadas para marcar a relação causal se distribuem da seguinte maneira: enquanto “que” e “porque” atendem a qualquer subtipo, “pois” e “como” se restringem a um tipo específico, pois a primeira só é utilizada para expressar motivação e a segunda, para expressar causa. Essa distribuição permite afirmar que “pois” é a conjunção prototípica da função retórica motivação e “como”, da função semântica causa, pertencente à camada mais baixa do nível representacional.

A distinção fonológica entre a relação causal do nível interpessoal e aquelas do nível representacional está no fato de a primeira envolver duas frases entonacionais nitidamente separadas por pausa e tom de fechamento, enquanto, nas demais relações, essa separação é prosodicamente menos marcada nas fronteiras, com tom de continuidade e sem pausa.

Em síntese, como proposto no trabalho apresentado neste capítulo, os resultados comprovam a hipótese de que os subtipos encontram plena sustentação nos níveis e nas camadas da Gramática Discursivo-Funcional. Vale a pena lembrar a incredulidade de Neves em relação à real possibilidade de subcategorizar os tipos de relação causal. Nesse caso, as evidências discutidas mostram que é perfeitamente possível atingir um grau mais elevado de refinamento na interpretação semântica, que responde pela diferenciação entre os subtipos.

Os dados do corpus, no entanto, demonstram que as relações causais do nível representacional são morfossintática e fonologicamente codificadas da mesma maneira, uma vez que não há uma especificação nem morfossintática nem fonológica para cada subtipo semântico que as diferencie. Isso significa que as diferenças semânticas existentes entre elas são neutralizadas, ou seja, não são codificadas na gramática do português. Em outros termos, não há

transparência, já que a várias funções semânticas correspondem as mesmas formas (cf. Hengeveld, 2011).

Só são distinguidos morfossintática e fonologicamente dois tipos de relação causal, a do nível interpessoal e a do nível representacional. Nesse sentido, pode-se afirmar que o português é transparente com relação a esse aspecto, o que levou a tradição gramatical a distinguir a coordenada explicativa da subordinada adverbial causal.